

Joana Dias Pereira, Maria Alice Samara e
Paula Godinho (org.)

Espaços, redes e sociabilidades
Cultura e política no movimento
associativo contemporâneo



Joana Dias Pereira, Maria Alice Samara e
Paula Godinho (org.)

Espaços, redes e sociabilidades
Cultura e política no movimento
associativo contemporâneo

2016
Instituto de História Contemporânea

Ficha Técnica

Título: Espaços, redes e sociabilidades. Cultura e política no associativismo contemporâneo

Coordenação: Joana Dias Pereira, Maria Alice Samara, Paula Godinho

Capa e paginação: Maria Alice Samara

Edição: IHC-FCSH/NOVA

ISBN: 978-972-96844-7-0

© 2016, Instituto de História Contemporânea.

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade - COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT-Fundação para a Ciência e a tecnologia no âmbito do projecto UID / HIS / 04209 /2013



FCSH FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
INSTITUTO DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Índice

Introdução

Espaços, redes e sociabilidades. Cultura e política no associativismo contemporâneo
Joana Dias Pereira, Maria Alice Samara e Paula Godinho 6

Memória, cultura e resistência

Utopia revolucionaria y activismo feminista. Un caso (español) para la reflexión
Josepa Cucó Giner 10

Espaços, sociabilidades e associativismo: primeiras notas sobre a biografia de
João dos Reis Antunes

Paula Godinho 26

Espaços e redes de resistência na Grande Lisboa: a memória da Primeira República
durante o Estado Novo

Maria Alice Samara 46

Um olhar sobre a resistência cultural associativa

Luís Filipe Maçarico 62

Segundas vidas: fábricas requalificadas e fábricas apropriadas. Contributos para uma
abordagem comparativa

Mariana Rei 79

Associativismo, cooperação e mutualismo

As associações de socorros mútuos em Portugal (de finais do século XIX aos anos
quarenta do século XX)

Virginia do Rosário Baptista 95

Alianças resilientes: a ação coletiva institucionalizada no período liberal (1834-1934)

Joana Dias Pereira 107

Associativismo operário na sociedade liberal (1850-1860)

João Lázaro 127

Associativismo de «pequenos interesses» no final do século XIX: em Lisboa como
noutras cidades europeias?

Daniel Alves 136

Funcionalismo público: associativismo, mutualismo, sindicalismo e desagregação
(1851-1933)

Joana Estorninho de Almeida 154

Reflexões sobre o associativismo em Porto Alegre (1930-2012)

Pompilio Locks Filho 163

Imprensa e intervenção

Redações abertas: fontes informativas e terreno de implantação dos jornais políticos

Júlia Leitão de Barros 187

Movimento operário brasileiro e o anarquismo no sindicato: divergências e debates em

A Voz do Trabalhador (1913-1915)

João Carlos Marques 206

Sociabilidade e participação em rede	
Sindicatos na rede em Portugal. Uma análise da presença na Internet dos sindicatos do setor da saúde <i>Paulo Marques Alves e Carlos Levezinho</i>	217
Mulheres, Internet e o conflito no Sara Ocidental <i>Silvia Almenara Niebla</i>	237
Mobilização e acção colectiva	
A ação coletiva à escala individual: casos na AML <i>Nuno Nunes, Rita d'Ávila Cachado e Otávio Raposo</i>	247
Da mobilização à ação: o caso português da iniciativa legislativa de cidadãos contra a precariedade laboral <i>Carlos Alves</i>	265
Post-political elements in the Portuguese anti-austerity discourses <i>Jonas Van Vossolle</i>	288
Intervenção cultural e educação popular	
As associações de educação popular e a Revolução portuguesa. A educação e a cultura como ferramentas de participação política (1974-1976) <i>Pierre Marie</i>	301
Performance e utopias no teatro de amadores. O grupo de Teatro de Acção Cultural de Almada (1974-1976) <i>Dulce Simões</i>	311
Depoimentos	
Crónica de uma luta de emigrantes portugueses em França "Guerra colonial e contagem de anos de serviço militar para a reforma" <i>João Machado</i>	325
<i>Mémoire Vive / Memória Viva</i> <i>Isabel Lopes Cardoso</i>	343
Sobre os autores	366

Introdução

Imprensa e intervenção

Redações abertas: fontes informativas e terreno de implantação dos jornais políticos

Júlia Leitão de Barros

No início do século XX, o jornalismo diário político-partidário vivia da colaboração pontual, ou permanente, dos políticos, de todas as formações partidárias, ao ponto de se poder afirmar que a carreira política exigia a passagem por um estágio, mais ou menos aprofundado, nas lides jornalísticas. No entanto, são escassas as fontes que nos descrevem as redações destes jornais diários.

Os testemunhos históricos remetem-nos para pequeníssimas redações cujo número oscila entre as cinco e as quinze pessoas. Os historiadores tenderam a confirmar estas informações chamando a atenção para a clara distinção, em meios humanos e técnicos, entre os jornais político partidários e os jornais de negócio, das duas maiores empresas jornalísticas, do *Diário de Notícias* e do *O Século* (Baptista, 2012; Ramos, 2004; Tengarrinha, 1971). Este último, em 13 de Fevereiro de 1898, afirmava possuir uma redação com 21 redatores.

Para o início do século XX possuímos informações sobre o quadro redatorial de cinco jornais políticos de Lisboa: *Novidades*, *Diário Popular*, *Tarde*, *Correio da Noite* e *Vanguarda*. Frequentemente imprecisas e contraditórias, estas referências inserem-se em memórias de políticos e/ou jornalistas que ascenderam a lugares de direção, que evocam remotas vivências juvenis, em tom romanceado.

Observemos os dados que dispomos sobre o jornal *Tarde*. Em 1892, Eduardo Schawlbach, escritor, jornalista e deputado regenerador, refere que a redação deste jornal seria constituída por seis pessoas: Urbano de Castro, director, António Serpa, Joaquim Lima, Guimarães Seródio, Higinio Mendonça e o próprio Schawlbach (Schawlbach, 1944:140). Sete anos depois, após a cisão franquista, em 1900, Alberto Bramão descreve a redação do jornal constituída, “entre outros” (Bramão, 1936:39), por sete redatores, seis deles ausentes nas memórias de Schawlbach (Melo Barreto,

João Costa, Almeida Campos, Severo Portela, Armando Ribeiro e Jorge Abreu). Porém, quando comparamos o testemunho de Alberto Bramão com as informações, relativas ao mesmo período, constantes nas memórias do repórter Jorge Abreu (presente na lista anterior) a redação do jornal *Tarde* surge com sete elementos: o director Sérgio Castro, Almeida Campos, João Costa, o próprio Jorge Abreu, e ainda, António Bandeira, Jorge Menezes, Luís Araujo (Abreu, s.d.:155). Isto é, para o mesmo período, Jorge Abreu avançava com três novos nomes, que tinham uma particularidade, estavam todos encarregues de áreas especializadas, embora não políticas: a Luís de Araújo caberia uma “sensaboria de rimas” (Abreu, s.d.:29), António Bandeira ocupava-se da crítica teatral, e por vezes auxiliava Jorge de Menezes na “confecção do High-Life” (Abreu, s.d.:155). Nas notas de Jorge Abreu, António Bandeira surgia responsável pela crítica teatral, sucedendo a Carlos Mendes, elemento redatorial ausente de todas as outras descrições.

Os textos memorialísticos optam por mencionar algumas personalidades presentes nas redações sem lhes atribuir funções específicas. É o que acontece nas notas de Lourenço Cayolla que recaem sobre o *Correio da Noite*, órgão oficial do partido progressista, liderado por Luciano de Castro, na viragem do século. Este jornal fora fundado, vinte anos antes, em 1880, por alguns jornalistas, até então colaboradores do órgão do partido progressista, o jornal *Progresso*. O *Correio da Noite* era, em 1900, dirigido pelo deputado Carlos Ferreira, tendo como redator político Lourenço Cayolla, coronel de artilharia, que começara a sua carreira política no jornal, em 1893, chegando a deputado quatro anos depois. Cayolla enumera os elementos da redação do diário, nos últimos anos da década de noventa: Anselmo Andrade, Lorjô Tavares, Macedo Ortigão, José Parreira, Carlos Ferreira e Eduardo Guimarães. Não lhes distribui funções. Fá-lo apenas quando se refere a Eugénio César e Lacerda, os chefes de tipografia, e a Gervásio Rosa, o revisor (Cayolla, 1928:161).

Vaga é também a informação que dispomos sobre a redação do jornal *Novidades* no início do século XX. Em 1900, o director deste diário era ainda o seu fundador, Emídio Navarro, um dos mais destacados jornalistas políticos, do último quartel do século XIX, ex-deputado e ex-ministro do partido progressista, que vinha, nesta viragem do século, cultivando uma ambígua postura de independência partidária, que frequentemente se traduzia numa aproximação ao partido regenerador.

Várias memórias de jornalistas e políticos descrevem a redação do *Novidades*,

embora tendam a remeter para a sua fase inicial, de maior influência e prosperidade, a década de 80, do século XIX. É o caso de Eduardo Cayolla, que refere os nove elementos da redação do jornal: Barbosa Collen; Armando Silva; Espírito Santo Lima; Eduardo Noronha; Melo Barreto, Alberto Braga, Braga Salas, Joaquim Telo, João Saraiva (Cayolla, 1928:147). Para o início do século XX, é mais uma vez da pena de Jorge Abreu a única descrição que dispomos sobre a redação do *Novidades*: “a redação (...) compunha-se, há vinte e três anos, do subdirector Espírito Santo Lima, do secretário Melo Barreto e dos redatores José Sarmento, Amadeu de Freitas e Jorge Abreu”. Referindo ainda os repórteres, Xavier de Almeida, “repórter da Arcada”, e Joaquim Rosário de Albuquerque, Armando de Araujo, e, por último, “o Barros, revisor” que “fazia a crónica das touradas e assinava Zé Pampilho” (Abreu, s.d.:23). Isto é, a redação era constituída por onze elementos assim distribuídos: director, cinco redatores, três repórteres, um revisor redator.

Em contrapartida, sobre o jornal republicano *Vanguarda* dispomos de informações mais pormenorizadas sobre o seu corpo redatorial. Em 1900, este diário, que fora criado em 1890, e sobrevivera a várias mudanças de direcção, estava, há pouco mais de um ano, nas mãos de Sebastião Magalhães Lima, seu director político, e de Esteves Lisboa, director gerente.

O repórter Rafael Ferreira, que trabalhou cinco anos no jornal, refere nas suas memórias como era constituída a redação na viragem do século: os “directores”, Magalhães Lima e Faustino da Fonseca, o administrador e repórter informador Eduardo José Gaspar, os repórteres, Augusto Rato e Gregório Fernandes, os redatores Guilherme Sousa, Heliodoro Salgado, Andrade Neves, “grande jornalista de combate”, João Pedro Monteiro, crítico tauromáquico, o chefe da tipografia Rafael Macedo, e, sem especificação de funções, Rocha Martins, Vicente de Sousa e Júlio Afonso, Urbino de Magalhães, Lombré Ferreira, Jacinto de Azevedo e o próprio autor (Ferreira, 1945:135-137).

A redação do *Vanguarda* teria quinze pessoas, ou dezassete, se contarmos com o chefe da tipografia e o revisor. Note-se que à exceção do chefe de tipografia e de Faustino da Fonseca, todos os nomes apontados diferem dos referenciados pelo repórter Esculápio (Fernandes, 1940), nas suas memórias, a propósito da sua passagem pelo mesmo jornal, entre 1890 e 1893, quando este diário era dirigido pelo seu fundador, Alves Correia, contando, então, com nove elementos na redação.

construía-se também pela informação recolhida. A informação era para os jornais diários o meio mais eficaz de conseguir entrar no debate jornalístico (leia-se aqui ter repercussão nos outros jornais políticos, curiosamente em rubricas que normalmente se chamavam *Écos*). Em particular, para os sectores que não tinham assento no parlamento, a informação publicitada pelo jornal político constituía um meio privilegiado de interpelar o poder, os seus adversários políticos, de controlar o exercício do poder.

Em suma os jornalistas andavam na figura do repórter, a sair à rua. Mas a “rua”, na figura do colaborador formal ou informal (de diferente categoria social) também frequentava o jornal.

Olhar as redações dos jornais político partidários, no início do século XX, obriga a ter presente, que estes são espaços com portas abertas para o exterior, a quem se dirigem informadores avulsos, mendigos, negociantes, correligionários e cidadãos comuns.

A vertente informativa de um jornal político partidário não pode ser avaliada pelo seu corpo redatorial mas sim pela capacidade que demonstra em consolidar a sua rede de informadores/colaboradores.

Referências

- 8º Congresso Internacional da Imprensa, Berne 1902 (Julho), 1903, *Relatório dos Delegados da Associação dos Jornalistas de Lisboa, eleitos em Assembleia Geral de 23 de Maio de 1902*, Alfredo Mesquita, José Parreira, L. De Mendonça e Costa, Lisboa, Typographia Universal.
- Uma Hora de Jornalismo. Aspectos e Anedotas e Inconfidências da Vida Profissional*, 1925, Lisboa, Edição da Caixa de Previdência do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa.
- ABREU, Jorge de, s.d., *Boémia Jornalística (Memórias d'um profissional com 30 anos de serviço na «fileira»)*, Lisboa, Livraria Editora Guimarães & C.ª.
- BAPTISTA, Carla, 2012, *Apogeu, morte e ressurreição da política nos jornais portugueses do século XIX ao marcelismo*, Lisboa, Escrit'orio.
- BARROS, Júlia Leitão de, 2014, *O Jornalismo político Republicano Radical. O Mundo (1900-1907)*, tese de Doutoramento em História, Faculdade Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- BRAMÃO, Alberto, 1936, *Recordações, Do Jornalismo, Da política, Da Literatura e Do Mundanismo*, Lisboa, Livraria Central.
- BRANDÃO, Raul, s.d., *Memórias, Vale de Josafat*, volume III, Lisboa, Perspectivas & Realidades.
- CABRAL, António, 1949, *As minhas memórias de jornalista, Casos da política, Lutas da política, Cartas inéditas*, Lisboa, Edições Gama.
- CATROGA, Fernando, 2000, *O republicanismo em Portugal, da formação ao 5 de Outubro de 1910*, Lisboa, Editorial Notícias, 2ª ed..
- CAYOLLA, Lourenço, 1928, *Revivendo o Passado*, Lisboa, Imprensa Limitada.
- CHAGAS, João, 1900, *Trabalhos Forçados*, Biblioteca da Folha do Povo, 2 vols., Lisboa, 1900.
- CUNHA, Alfredo, [1914], *Diário de Notícias, A sua fundação e os seus fundadores, Alguns factos para a história do jornalismo português, 1864-1914*, s.l., Edição comemorativa do cinquentenário do Diário de Notícias.
- FALCÃO, Victor, 1932, *Reflexões e Paradoxos*, Lisboa, Gomes de Carvalho editor, Lisboa.
- FERNANDES (Esculápio), Eduardo, 1940, *Memórias do «Esculápio». Das mãos da Parreira ao ano da República*, Prefácio e notas de Albino Forjaz de Sampaio, Parceria António Maria Pereira, Lisboa.
- FERREIRA, Rafael, 1945 *Nos Bastidores do Jornalismo, Memórias de Rafael Ferreira*, Lisboa, Edição Romano Torres.
- MIRA, Ferreira de & RIBEIRO, Aquilino, 1942, *Brito Camacho*, Lisboa, Livraria Bertrand.
- PINA, Mariano, 1894, *O Caso do Diário Popular*, Lisboa, Imprensa de Libano da Silva, 1894.
- RAMOS, Rui, 2004, *A Segunda Fundação (1890-1926)*, in J. Mattoso (Dir.), *História de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, vol.VI.
- SCHWALBACH, Eduardo, 1944, *À Lareira do Passado, Memórias*, Lisboa, Edição do autor.
- TENGARRINHA, José, 1971, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa, Portugalia Editora.
- TOCQUEVILLE, Alexis de, 2008, *Da Democracia na América*, Lisboa, Relógio D'Água.

Sobre os autores

Júlia Leitão de Barros

Doutorada em História Contemporânea pela FCSH, da UNL (com tese *O Jornalismo Político Republicano Radical. O Mundo, 1900-1907*) é investigadora do Instituto de História Contemporânea da mesma instituição. Lecciona disciplinas de História dos Media, História da Propaganda e Sistemas Mediáticos Comparados, na Escola Superior de Comunicação Social (ESCS). Coordena a Secção Estudos de Media e Jornalismo na ESCS. Das suas publicações destacam-se *Anglofilia e Germanofilia em Portugal na II Guerra Mundial* (Dom Quixote, 1989) e *Afonso Costa* (Círculo dos Leitores, 2002).